



**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS**

**BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**TÂNIA CORREIA JALÓ**

**A PRESENÇA DAS ESTAMPARIAS (PANOS DE PENTE) NA ETNIA MANJACO**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE - BA**

**2016**

TÂNIA CORREIA JALÓ

A PRESENÇA DAS ESTAMPARIAS (PANOS DE PENTE) NA ETNIA MANJACO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Carlindo Fausto Antonio

São Francisco do Conde - BA

2016

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

J27p

Jaló, Tânia Correia.

A presença das estamparias (panos de pente) na etnia Manjaco / Tânia Correia Jaló. - 2016.  
57 f. : il. color.

Inclui glossário.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração  
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Carlindo Fausto Antonio.

1. Guiné-Bissau - Usos e costumes. 2. Manjaco (Povo africano). 3. Tecidos - Estampagem -  
Guiné-Bissau. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 398.09665

## **TÂNIA CORREIA JALÓ**

### **A PRESENÇA DAS ESTAMPARIAS (PANOS DE PENTE) NA ETNIA MANJACO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em 29 de novembro de 2016.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Carlindo Fausto Antônio (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

---

Prof. Dr. Bas'ileleMalomalo

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

---

Prof. Dr. Ismael Tcham

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Dedico este trabalho aos meus pais biológicos Quinta Gomes Correia e Bacar Sanha (*In memorian*), a minha querida tia Sarafina Gomes Correia (*In memorian*), a minha amada tia-mãe Rosantina Gomes Correia, a minha querida mãe Maria do Céu Correia Jaló, a minha irmã Maria Efigênia Correia Jaló e a todos os meus familiares e amigas (os). Por fim e em especial para minha avó Delfina Gomes da Costa (*In memorian*).

## AGRADECIMENTOS

Antes de expressar minha gratidão, quero dizer que a elaboração desse trabalho, a linha de pesquisa voltada à etnografia, não foi apenas uma simples produção, mas sim um exercício intelectual e de vida, que aprofundou a minha relação com experiências familiares, pessoal e da etnia manjaco. O crescimento intelectual e a experiência ainda me proporcionaram algo muito relevante que é escrever mais sobre a cultura e modo de vida da minha própria etnia.

Feita a localização pessoal, familiar e étnica do meu estudo, registro aqui o meu profundo agradecimento ao professor Dr. Carlindo Fausto António, que me acompanhou nesse processo com sugestões e orientações. Agradeço profundamente à UNILAB que me deu essa oportunidade, especialmente ao Bacharelado em Humanidades e aos docentes, que direta ou indiretamente me possibilitaram uma visão mais ampla de mundo.

Deixo também meu agradecimento a minha querida tia-mãe Rosantina Gomes Correia que sempre cuidou, me apoiou em tudo e confiou em mim. Ainda agradeço ao meu primo Valdir Correia Barbosa Cabral, que me encorajou a fazer inscrição e concorrer para essa bolsa na UNILAB. Não posso deixar de agradecer aos meus amigos com quem conversava sobre este trabalho, com quem trocava ideias a respeito do tema e que me ajudaram com a tradução de certas expressões da língua manjaco, com fotografias e com outros materiais que usei na construção desse trabalho.

Por fim, um especial e profundo agradecimento a Quinta Gomes Correia e Bacar Sanha, minha mãe e pai biológicos.

Na Douwar Adolun ou Baram ind Bling<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Na Douwar Adolun ou Baram ind Bling que significa obrigada a todos e todas.

*“Não seria honesto de minha parte deixar de mencionar este tipo de fenômenos no decorrer da história, porque faziam – e sem dúvida, em certa medida ainda fazem – parte de nossa realidade vivida”.*  
(Amadou Hampaté Bá).

## RESUMO

O objetivo geral da monografia é contextualizar o papel da estamparia e as suas técnicas de tecelagem na Guiné-Bissau e a sua função na sociedade guineense. Muitos autores destacam a relevância dessa arte no contexto geral da Guiné-Bissau. Feito o preâmbulo geral, o objetivo específico é apresentar as estamparias na etnia manjaco. A pesquisa tem por finalidade revelar, a partir do uso das estamparias, a compreensão religiosa, econômica, política, cultural e social desse grupo étnico. Outro objetivo central é mostrar a importância dos panos e os seus arranjos estéticos, as estampas, para a questão identitária e seu uso no cotidiano e os seus significados nas mais variadas situações culturais, sociais e religiosas. Além do uso das estamparias, o trabalho põe em destaque as técnicas usadas para a confecção dos panos, processo importante para revelar o lugar, entre outros, dos homens e das mulheres na arte de tecer e no contexto social. Ponto importante no uso e na confecção das estamparias no interior da etnia manjaco e sua presença nas comunidades é o papel que eles, o uso e a confecção, desempenham nas realizações das cerimônias como, por exemplo, no casamento, na morte e na religião. A função da estamparia é indispensável tanto na organização social como na política, porém a questão central é a valorização e a sua importância no cotidiano dos manjacos e na cosmovisão africana.

**Palavras-chave:** Estamparias, o seu uso, as técnicas de confecção na etnia manjaco, cosmovisão Africana.

## **ABSTRACT**

The general objective of the monograph is to contextualize the role of stamping and its weaving techniques in Guinea-Bissau and its role in Guinean society. Many authors highlight the relevance of this art in the general context of Guinea-Bissau. The research aims to reveal, from the use of prints, the religious, economic, political, cultural and social understanding of this ethnic group. Another central objective is to show the importance of the cloths and their aesthetic arrangements, the prints, for the identity question and its use in everyday life and its meanings in the most varied cultural, social and religious situations. An important point in the use and the confection of stamps within the Manjaco ethnic group, and their presence in the communities, is the role they play in the ceremonies, for example, in marriage, death and religion. The function of stamping is indispensable both in social and political organization, but the central question is valorization and its importance in the daily Manjacos and in the cosmos of Africa.

**Keywords:** Stamping, its use, confection techniques the Manjaco, African vision.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	Diferentes tipos e qualidades de panos de pente “Estamparia”	13
<b>Figura 2</b>	Tecelão (Ficial)	14
<b>Figura 3</b>	Mulher fazendo bordados no pano de pente (marca)	20
<b>Figura 4</b>	Mulher fazendo renda entre as bandas (camatcha)	21
<b>Figura 5</b>	Os dois lados de pano (direito e avesso)	22
<b>Figura 6</b>	Mulheres arrumadas para cologasm	24
<b>Figura 7</b>	Tina com água, cabaça e palmo	26
<b>Figura 8</b>	Noiva após aceitar o noivo, abrindo cabas para receber a explicação sobre os objetos contidos sobre o pedido a sua mão	34
<b>Figura 9</b>	Noiva e Noivo sendo orientados para comer kubamba, a primeira comida sagrada	36
<b>Figura 10</b>	Noivo e Noiva comendo a segunda comida sagrada	36
<b>Figura 11</b>	Cadáver após ser vestido tradicionalmente	40
<b>Figura 12</b>	Figura sagrada esculpidas em madeira. Representam os ancestrais	49

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	15
<b>2</b>	<b>CAPITULO I - CONTEXTUALIZAR O PAPEL DAS ESTAMPARIAS NA GUINÉ-BISSAU</b>	17
2.1	O USO DAS ESTAMPARIAS E AS TÉCNICAS	18
2.2	AS ESTAMPARIAS E OUTRAS PRÁTICAS TRADICIONAIS	22
<b>3</b>	<b>CAPITULO II - AS ESTAMPARIAS NA ETNIA MANJACO: PRESENÇA DA ESTAMPARIA NAS COMUNIDADES MANJACOS</b>	29
<b>4</b>	<b>A FUNÇÃO DA ESTAMPARIA: NO CASAMENTO, NA MORTE, NA RELIGIÃO</b>	33
4.1	FUNÇÃO DE ESTAMPARIA NO CASAMENTO	33
4.2	FUNÇÃO DE ESTAMPARIA NA MORTE	38
4.3	FUNÇÃO DE ESTAMPARIA NA RELIGIÃO	42
<b>5</b>	<b>CAPITULO III - ESTAMPARIA NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA</b>	44
5.1	COSMOVISÃO AFRICANA	46
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	53
	<b>REFERÊNCIAS</b>	55
	<b>GLOSSÁRIO</b>	57

**Figura 1** - Diferentes tipos e qualidades de panos de pente “Estamparia”



Fonte: foto internet

**Figura 2 - Tecelão (Ficial)**



Fonte: Acervo da autora

## 1 INTRODUÇÃO

Quando se fala da “tradição africana”, nunca se deve generalizar. Não há uma África, não há um homem africano, não há uma tradição africana válida para todas as regiões e todas as etnias (HAMPÁTÉ BA, 2008, p. 14).

A elaboração da monografia, as estamparias na étnica manjaco, exigiu a compreensão genérica do seu uso e das técnicas empregadas para a tecelagem dos panos na Guiné-Bissau. Um acontecimento foi muito importante e facilitou a minha aproximação com o tema. Vou relatar aqui e brevemente as minhas vivências e experiências com o uso dos panos num contexto bem específico. Na comemoração do Dia da África, atividade realizada fora da Guiné, no ano de 2014, em São Francisco do Conde, Bahia, fiquei muito emocionada, pois era a minha primeira comemoração do Dia da África fora da Guiné-Bissau. Emocionada e curiosa, pude observar atentamente todos/todas os/as africanos (as) que estavam participando da comemoração. Todas e todos estavam usando panos africanos, especialmente pano de pente. Desde sempre sabia que na sociedade guineense os panos de pente são peças fundamentais para as etnias. Mesmo assim fiquei surpresa e emocionada quando vi o desfile e o uso variado das estamparias. Por outro lado, o desfile com as estamparias deixou aberta a minha curiosidade de estudos para saber mais dos panos, da sua confecção e especialmente da etnia manjaco.

O objetivo dessa dissertação é de analisar a presença da estamparia na etnia manjaco e o seu papel nas comunidades. Também tenho interesse em aprofundar o meu conhecimento em relação a essa etnia e o quanto a estamparia é importante e presente nos seus cotidianos e nas suas realizações tradicionais. O estudo procura compreender o porquê da presença dos panos de pente não apenas nas etnias Manjaco e Papel, mas também na sociedade guineense, que tem uso freqüente até para presentear as visitas como os membros de estados de outros países.

A metodologia da pesquisa passa pela compreensão do uso das estamparias “panos de pente” e também pelo entendimento das técnicas utilizadas na confecção. Ainda essa pesquisa inclui o método qualitativo e a oralidade.

Quanto à organização relevando a metodologia orientada pelo uso e técnicas usadas para a confecção dos panos, este trabalho está estruturado em uma introdução que na seqüência terá três capítulos, que estão estruturados da seguinte forma: no primeiro capítulo

vou contextualizar o papel das estamparias “feitas de tear” na Guiné-Bissau, porque é algo muito relevante principalmente para as etnias Manjaco e Papel. Vale ressaltar que há dois tipos de tear na sociedade Guineense, um é da zona litoral e existe outro do interior. Ainda analiso as diferenças entre esses dois tipos de tear e como ele é feito, isto é, quais mecanismos técnicos são usados. Por último analiso a função que o pano desempenha na sociedade guineense e nas suas manifestações.

No segundo capítulo, a propósito do tema, descrevo a estamparia na etnia manjaco e sua presença nessa comunidade. No mesmo capítulo vou descrever a sua função, ou seja, o seu uso e significados no casamento, na morte e na religião. Em cada uma dessas realizações os panos de pente então presentes e são peças fundamentais, que serão objeto de análise no conjunto da exposição. No terceiro capítulo, descrevo a presença dos panos/estamparias na organização política e social das comunidades manjaco. Coloco em destaque que os panos de pente estão presentes em todas as realizações dentro dessa etnia. Por conta do uso e do seu valor imaterial, os panos de pente representam a etnia manjaco e são uma das suas riquezas. Finalizando, ainda nesse mesmo capítulo, vou falar brevemente da cosmovisão Africana, que é um assunto pertinente na medida que o uso e a confecção dos panos têm relação com os significados expressos pela cosmogonia africana e presente nas cores, nos arranjos e notadamente no uso.

## **2 CAPITULO I - CONTEXTUALIZAR O PAPEL DAS ESTAMPARIAS NA GUINÉ-BISSAU**

A presença das estamparias é algo muito relevante na sociedade guineense e igualmente para os diversos grupos étnicos que constituem o país.

A propósito dessa realidade, o sistema técnico que produz os panos revela que, na Guiné-Bissau, existem dois tipos de tear: do interior representada pelas etnias fula e mandinga e da zona litoral representada pelas etnias manjaca e papel (Panaria, Internet, 10/04/ 2016).

Os fulas, mandingas, manjacos e papéis são os que produzem esses panos. Os tipos de tear representam suas comunidades e os seus valores étnicos, sendo uma das ferramentas mais preciosas nas identidades culturais. Por outro lado, elas revelam também os meios pelos quais podemos identificar certos grupos étnicos. Assim, Fulas e Mandingas, que são do interior, são etnias que podem ser identificadas e igualmente representadas pelos seus panos, produto cultural que elas também comercializam. Conforme o texto acima, no litoral há as etnias manjaco e papel, que revelam técnicas e estamparias específicas.

Além das questões espaciais, interior/litoral, identidades e identificações distintas do ponto de vista étnico, as estamparias têm valor significativo nas representações e nas ocasiões especiais, entre outras, como casamento, cerimônias funerárias e festas. Vale realçar o seu papel nas comunidades e principalmente no cotidiano, momento no qual a estampa revela quem usa e a circunstância e razão do uso.

Outro dado importante para a presente pesquisa diz respeito à sociedade guineense, que afirma que o pano (estamparia) é qualquer tecido que é usado como veste. Do mesmo modo, dá para fazer qualquer tipo de costura e qualquer modelo de roupa que se adapta ao uso e ocupa tal posição, como por exemplo, a toalha de banho. Também, em outras palavras, como cita o texto aqui: o pano “é como qualquer tecido que se adapta como veste, que se traz á cintura, ou ainda que possa servir para enxugar depois do banho (SEMEDO, 2011, pg.87 ).

## 2.1 O USO DAS ESTAMPARIAS E AS TÉCNICAS

O uso das estamparias (e/ou dos panos) e não a estamparia em si é que possibilita o seu aproveitamento como chave interpretativa da vida individual e comunitária na Guiné-Bissau ou no interior de um determinado grupo étnico. O uso da estamparia é, assim, um recurso metodológico indispensável para revelar, no cotidiano, nas relações sociais e religiosas, significados para o nascimento, a morte, a vida, o casamento, o sagrado, o profano, as festas e toda sorte de eventos e celebrações.

O pano de pente é didático a respeito dessa realidade e é igualmente o papel dos diferentes sistemas técnicos usados para confeccionar os tecidos. O pano de pente, como uma banda larga, é produzido no tear tradicional. Depois de pronto o pano, numa peça ainda indiferenciada, o tecelão o corta em tiras de um metro e vinte centímetros, que a cada seis bandas constituem um pano. Feita esta etapa masculina, as bandas vão para as mãos femininas que, com maestria, técnica e habilidade, costuram as camatchas, isto é, as rendas entre as bandas. Vale destacar que o papel masculino e o feminino são distintos, ficando às mãos femininas a tarefa de acabamento. É a partir do uso e das técnicas que encontramos os significados dos panos.

O pano de pente fala, de modo particular, da etnia manjaco. A “fala” revela o modo pelo qual ele é feito e como o modo de produzi-lo retrata, entre outros, os papéis sociais e de gênero. Odete Semedo, (2010), diz com outras palavras, que os panos falam e/ou expressam as realidades sócias da Guiné-Bissau; tudo a partir das cores, dos nomes, do uso e do modo de tecer o pano e notadamente de tecer significados para a relações humanas.

Os nomes dos panos e o modo pelo qual eles são confeccionados são bem ilustrativos do papel das mulheres e dos homens. Somam-se, às camatchas feitas pelas mãos femininas, as funções dos bordados. Assim e de acordo com a função dos panos, nem sempre são necessários os bordados, eles são utilizados ou não a depender da função cultural, social e política. Em outros termos, é o uso que assegura a indispensabilidade ou não dos bordados. Os nomes, a propósito dessa realidade estabilizada ou dada pelo uso, apresentam estamparias reveladoras de associações com o contexto. Mas antes é bom analisarmos a relação entre o tear e as mãos elaboradoras dos panos, posição que demanda a necessidade de falar dos elementos que compõem a tecelagem e o lugar onde se dá a confecção dos panos, das falas e das mensagens.

Entendeu-se ser relevante não só falar da origem do pano, do seu uso, mas também dos componentes do tear e das fases mais importantes da tecelagem que emprestam ao tear a simbologia de uma “oficina”, lugar de tecer falas e mensagens, dado que os panos, conforme os motivos, as cores e o número de bandas têm nomes e são usados em diversos eventos. (SEMEDO,2010, pg.97)

Os panos falam! Sem dúvida, eles falam e são mensageiros de textos e de contextos que se encontram na tecelagem dos panos e na tessitura entre homens, mulheres, crianças e as comunidades. As cores e os desenhos formam uma espécie de pauta, que permite a leitura dada pelo uso. Os panos, a partir do uso, transmitem mensagens e pela razão do uso:

Os panos falam através das suas cores! É preciso escutar as múltiplas falas dos panos: o grito dos panos pretos; os panos tingidos, de vozes cerimoniais que acalentam; os panos leves e de vozes frescas enfrentando o calor dos dias quentes de África; os panos coloridos, feitos tapetes, que nas suas falas também coloridas cantam no caminhar dos pés das noivas; os panos que sorriem matreiros balançando no gíngar das ancas das moças; os lankon de vozes imponentes ditando a hora do enterro; a fala morna dos miadas, contando o peso do luto da mulher; vozes e falas alegres de bandêra de padida, de latrus e de Dom Fafe, cantando, nos ombros e nas cinturas das mulheres. Os panos simplesmente falam! (Panos revelam costume na Guine-Bissau, Internet, 11/04/2016)

Retomando as significações do pano de pente. Podemos dizer que os grandes tecelões de pano de pente pertencem às etnias manjacos e papeis. Outra informação importante, para situar a nossa pesquisa no contexto histórico, diz respeito à dedicação das populações guineenses à arte das panarias. Há textos informativos que revelam que tudo “começou desde o primeiro contacto com os colonos portugueses, faziam trocas comerciais com os panos bordados em ponto cruz que os colonos traziam” (Panaria internet, 11/04/2016, pg.1). Nesse contexto cada pano confeccionado tem o seu nome próprio, o texto que segue é ilustrativo dessa realidade, pois:

pano marcado, pano pesado, pano tindjido, pano preto, mafé de catchur (molho de cão), lankom (é o maior de todos que chega a ter dez ou dose bandas), costa de lagarto (costa de crocodilo), pano-letra, baba-cacheu, baba-antigo, Oudju de baka (olho de vaca), nkontcha, Iran-cego (jibóia), bagera (abelha), lanceado (é aqueles panos mais pesados), nbanhala (são bandas de diferentes panos que no final o tecelão junta um de cada e forma um pano), e entre outras. (Panos revelam costumes da Guiné-Bissau, internet, 11/04/2016).

No entanto cada nome dado a um pano tem o seu significado e a sua função específica, que são carregados de significados sociais ou numa síntese, como diz a autora Maria Odete Semedo, “os panos simplesmente falam”, falam e são materiais históricos.

**Figura 3 - Mulher fazendo bordados no pano de pente (marca)**



Fonte: Foto Irene Lopez

**Figura 4** - Mulher fazendo renda entre as bandas (camatcha)



Fonte: Foto Irene Lopes

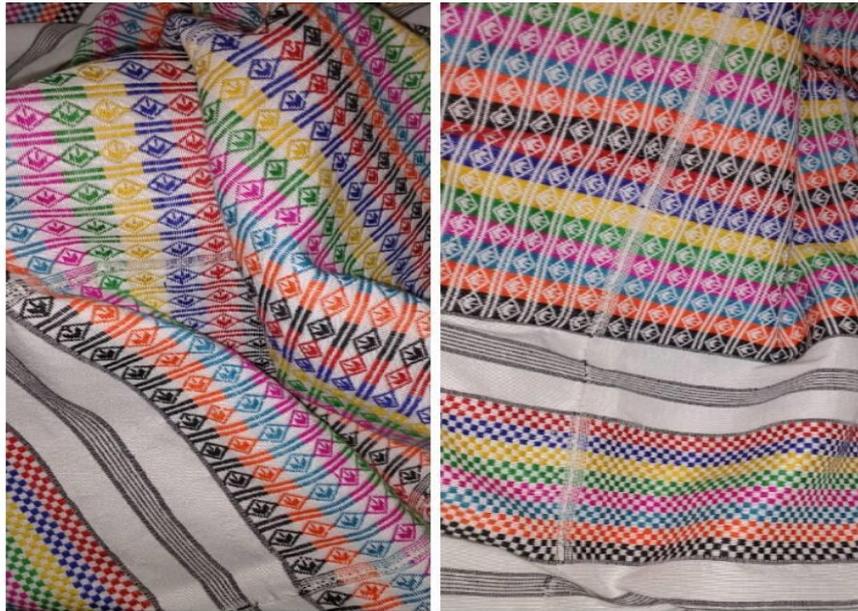
Os tecelões (ficial) são os que criam os modelos e vão produzindo os panos. O trabalho é feito tradicionalmente utilizando vários instrumentos como pentes, varas de palmeira, roldanas e outros conforme o texto abaixo. Outra questão importante apresentada pelo texto é o uso do algodão, que é transformado em fios de linhas entrelaçados em vários sentidos; trabalho feito manualmente pelos homens. São eles, os homens, que constroem materiais necessários para construção do pano. As técnicas, utilizadas na confecção do pano de pente, revelam a função do tear num conjunto:

Na coreografia dos fios de várias cores nasce um tecido mais leve ou mais grosso consoante o número destes fios. Estes tecidos magníficos devem o seu nome ao tear (pente). Um pente é constituído por quatro varas de palmeira; duas varas de madeira, com o formato de uma serra; uma roldana, que permite o movimento das varas; o pedal e o pente; a lançadeira, com um formato semelhante a uma piroga de pequena dimensão e que permite lançar as linhas horizontais do pano, tendo no seu interior uma canela de linha e um fio de vassoura que permite o rolamento da linha (ARTISSANAL, internet, 11/04/2016)

O pano de pente é fruto desse entrelaçar de vários sentidos, que constituem um pano com valor específico. Vale realçar que o pano de pente, como qualquer tecido, tem dois lados; o direito e avesso. “A tessitura de pano põe em confronto dois lados, o emaranhado e o ordenado, como se fosse esses dois lados às duas faces de um discurso: o dito e o não-dito naquilo que é dito” (SEMEDO, 2011, pg.96-97). O lado direito apresenta geometria traçada por fios de linhas de diversos cores. Do outro lado, o avesso apresenta os fios de linhas cruzadas entre si e franjas na extremidade do pano. Os dois lados, o direito e o avesso, são

importantes na interpretação dos significados. Portanto as estamparias têm um grande papel na sociedade guineense e sempre estão presentes nas realizações das atividades culturais dentro e fora do país. Além da representação da identidade de uma determinada etnia e da própria etnia, as estamparias participam ativamente da economia e da vida social, política, cultural e religiosa.

**Figura 5** - Os dois lados de pano (direito e avesso)



Fonte: Foto Ariana de Almeida Pinto

## 2.2 AS ESTAMPARIAS E OUTRAS PRÁTICAS TRADICIONAIS

A estamparia desempenha, na sociedade guineense e como nos ensina Semedo, (2010, pg. 94) importantes funções. A autora põe em destaque “a articulação entre os panos – artefatos culturais e os seus usos significativos na cultura da Guiné-Bissau”. Podemos enfatizar que a estamparia (o uso dos panos) tem muito valor nas diferentes tradições Africanas, notadamente no cotidiano; principalmente dos guineenses. A história do pano na sociedade guineense é relevante, porque além do pano estar sempre presente nas realizações das cerimônias tradicionais e festividades, também representa, de certo modo, a cultura guineense. O seu valor é conhecido e reconhecido tanto dentro como fora do país. Além da discussão relativa à origem, ao uso e às funções, (ANTONIO CARREIA, *apud* SEMEDO, 2010, p. 96) descreve “que a origem de toda a panaria é africana e que essa teria sido um legado dos cartagineses ou dos povos islamizados vindos do Norte ou do Nordeste”. Portanto

na sociedade africana e principalmente na guineense, em qualquer ocasião festiva e cultural, sempre tem a presença de panos de pente. É bem didática a propósito, por exemplo, na mandjuandade, no carnaval, nos grupos de danças tradicionais e noutras manifestações, o uso, ou a presença, de panos de pente. Vale no entanto enfatizar que, nessas realizações, o uso dos panos é mais freqüente ou tem significado mais expressivo para as mulheres. Não é exagero afirmar que são elas, as mulheres, as que mais usam os panos.

Na mandjuandade, a maioria dos componentes são mulheres; é um grupo cultural que se apresenta usando vestuários tradicionais (panos de pente) e entoando cantigas (músicas) que são compostas por tina, que têm como peça fundamental a cabaça. Outro elemento central na manifestação é a dança. Nestes grupos de mandjuandade, há um processo educativo; lugar de ensinamento e de aprendizagem tradicional da realidade guineense. Aqui, nesta manifestação e em outras, a maior parte do conhecimento é passada via tradição oral, que segue de geração em geração. A transmissão é valorizada e conservada pelos jogos orais, nos quais as memórias dos ancestrais são retomadas; o objetivo principal é dar continuidade à linhagem. Os sábios africanos explicam assim o processo de transmissão oral.

Na África tradicional, o indivíduo é inseparável de sua linhagem, que continua a viver através dele e da qual ele é apenas um prolongamento. É por isso que, quando desejamos homenagear alguém, o saudamos chamando-o repetidas vezes, não por seu nome próprio, que corresponderia no Ocidente ao nome de batismo, mas pelo nome de seu clã: "Bá, Bá", ou "Diallo", "Diallo", ou "Cisse, Cisse", porque não se esta saudando o indivíduo isolado e sim, nele, toda a linguagem de seus ancestrais. (BÁ, HAMPATE, 2008, pg.23)

No entanto, a mandjuandade é um grupo de pessoas da mesma idade, que tem a sua origem nas aldeias; são pessoas que se juntam para a realização dos trabalhos no campo, na morança, na colheita e noutras atividades. Este grupo tem a sua organização orientada por regras determinadas internamente. Para Semedo, 2010, pg.123, "as *mandjuandade*" são apresentadas como coletividades organizadas, regidas por normas próprias e contribuições específicas". Na mandjuandade, os trabalhos são divididos entre grupos e cada um faz sua parte tanto de um gênero como de outro. Também dentro desse mesmo grupo, nem sempre os componentes têm a mesma idade ou idades bem próximas; porque os mais velhos incluem alguns jovens nos grupos, que darão continuidade à tradição. Assim, os grupos organizam suas festas, nas quais os membros são obrigados e/ou comparecem vestidos tradicionalmente usando os panos de pente. De acordo com a descrição de mandjuandade e as suas coletividades organizadas, é válido dizer que ela apresenta as mesmas características, funções e a valorização dos panos. Tal como ocorre com a *colegassom* na etnia manjaco; no entanto,

existe uma diferença fundamental entre as duas manifestações; a mandjuandade não pertence apenas a uma única etnia, mas é de domínio geral da sociedade guineense: ao passo que a colegassom é apenas da etnia manjaco.

**Figura 6** - Mulheres arrumadas para cologasom



Fonte: Acervo de autora

A Colegassom se realiza na etnia manjaco em geral e o uso dos panos é parte fundamental. Para elaborarmos uma reflexão a respeito dessa importância, falaremos de modo mais específico do significado da Colegassom. A palavra tem o seu significado e estrutura ligados à influência linguística herdada do crioulo, que é a língua mais falada na Guiné-Bissau. A expressão Colegassom pode ser compreendida assim: colegas (que significa pessoas da mesma idade e/ou que cresceram juntos, amigos ou aqueles que fazem tudo juntos). A colegassom, a exemplo de mandjuandade, começa desde a adolescência e vai até a vida adulta; incluindo dentro desse grupo homens e mulheres.

É correto afirmar que Colegassom é uma forma de organização étnica e comunitária, na qual há a divisão de tarefas e de papéis sociais e de gênero. Assim, os membros da

Colegassom se juntam para fazer trabalhos na tabanca, de igual modo se juntam para festejar usando seus panos de pente. No entanto, tudo é antecedido sempre pelas reuniões do grupo, nas quais eles/elas escolhem um dia para realizar esse evento que não é apenas um simples encontro; mas sim um momento comunitário e de base ancestral para divertir, dançar, comer e beber. Para realizar esse encontro, cada membro contribui com alguma coisa, isto é, comida, bebida ou dinheiro e ainda cada um tem que se vestir de forma tradicional; o mesmo acontece na mandjuandade.

Mas essas coletividades não são apenas para realização das festas; como já tinha citado na página anterior, mas também para ensinar aos seus membros a melhor convivência na sociedade. Para atingir os objetivos de socialização da memória coletiva, o grupo adotou método das contribuições de cada membro (abota), na qual os valores são estipulados e os prazos de pagamentos são determinados. No caso de demora de pagamento e/ou de atraso por parte do membro; ele será punido com a multa, como descreve, na sequência, o texto em pauta.

As coletividades eram, e são, dotadas de claras regras de funcionamento, de normas que devem ser respeitadas e seguidas por todos. A ordem que se verifica na *mandjuandade* deve-se, também, ao espírito de solidariedade e de disciplina reconhecidas nas atitudes dos seus dirigentes. Sendo essas cabeças da coletividade, eles e elas são escolhidos, a rigor, entre pessoas que reúnem o consenso do grupo. Assim, nas *mandjuandadi* encontram-se quatro categorias: a dos que pertencem à direção, formada pelo rei, pela rainha, pelas meirinhachos e meirinha fêmea, como é denominado em crioulo guineense. Há a categoria decordeiro que pode ter seu auxiliar, a categoria de soldado e uma categoria muito importante, as cantadeiras (SEMEDO, 2010,pg.143)

As cantigas de mandjuandade, em maior parte, são cantadas em crioulo, e essas cantigas (músicas) falam mais das mulheres e das suas vivências no cotidiano. No dia do encontro de mandjuandade, os componentes do grupo e os seus tocadores de tina, de palmo, os que cantam tanto homens como mulheres, animam suas festas e em grande estilo e com panos, camisa de soca ou ropom (ver a respeito a **Figura 6**). Vale, a propósito, acompanhar a reflexão abaixo.

*Mandjuandadi* é o espaço em que cada uma das mulheres, e cada um dos seus membros, se sente livre: lá pode cantar, ostentar o seu pano ou vestido novo, brincar, ser maliciosa e livre, dar vazão aos seus sentimentos, inclusive à sua sensualidade, tanto nos versos que canta quanto na sua performance enquanto dança (SEMEDO, 2010,pg.134)

Os instrumentos de percussões, usado nessas ocasiões especiais; tanto na mandjuandade como na cologassom, são diversos; o principal é um instrumento que chamam

tina, que também desempenha outras funções, como por exemplo; de artefato para lavar roupa. Além do uso nos trabalhos domésticos, as mulheres o usam como instrumento musical. Elas colocam cabaça dentro de tina (bacia) com água para fazer o som ecoar e também usam os palmos de madeiras para acompanhar os ritmos. Como já tinha mencionado anteriormente, apesar de ter mais presença de mulheres, os homens também participam e suas presenças, de acordo com a citação aqui registrada, são fundamentais sendo assim:

As *mandjuandadi* contam com alguns homens que cantam ou que, simplesmente, criam cantigas de dito, interpretadas por mulheres durante esses encontros. Enquanto criadores de cantigas os homens encarnam a mulher: assumem-se com sentimentos femininos, choram mágoas, narram histórias vividas por mulheres, sendo eles o eu enunciator feminino ou apenas “quem que ama”. Em outros casos, escarnecem das mulheres, falam mal delas, alegando que foram ingratas, levianas e interesseiras. (SEMEDO, 2010, pg.156)

**Figura 7** - Tina com água, cabaça e palmo



Fonte: Acervo de autora

A cabaça é ponto nuclear na composição de cantigas de tina. Ela é usada como instrumento que tira e dita o som e os ritmos. A Cabaça, na sociedade guineense, é importante, ou seja, é basilar para as realizações cerimoniais tradicionais; nos trabalhos domésticos, nos pedidos de casamentos. Ela é usada como instrumento e como elemento de encontro, razão pela qual os noivos a utilizam para a refeição compartilhada, ou seja, eles comem juntos; uma forma de comunhão. É bem didática a foto apresentada na Figura 9, que revela o papel da tina e ainda põe em destaque o uso e o significado dos panos, que são

diferentemente ostentados pelos noivos. O uso da cabaça é frequente na sociedade guineense, nas etnias de modo geral e principalmente na etnia papel, como explica a autora:

“A simbologia da cabaça na cosmogonia dos Dogons, conforme descrito por Chevaliere Gheerbrant, mostra semelhanças com o que se vivencia na Guiné-Bissau e que faz parte do imaginário de alguns grupos étnicos. A cabaça é o símbolo do ventre que traz vida dentro de si. A cerimônia da cabaça no grupo papel, por exemplo, é a que mantém viva a linhagem materna, sendo a própria cerimônia denominada “andar/carregar cabaça”. Essa cabaça específica é denominada cabaça de mistida [cerimônia, assunto]. Carregar cabaça ou realizar a mistida é uma cerimônia tradicional desse grupo étnico que inclui um périplo pelas casas grandes [casas dos mais velhos] e balobas, isto é, santuários tradicionais, em que se levam oferendas aos irans e aos ancestrais, pedindo proteção aos antepassados e aos irans, deuses e entidades tradicionais, que serão abordadas na subseção seguinte.” (SEMEDO, 2010, pg.108)

A cabaça, tal como ocorre com os panos, tem papel fundamental nessa etnia devido à sua utilidade. Numa das atividades culturais considerada de relação com o sagrado ou sagrada, os papéis realizam com esse objeto, a “*ianda cabaça*”, uma cerimônia realizada pelo grupo de mulheres da mesma linhagem. Na referida cerimônia e com panos e vestidos, elas andam quilômetros com uma cabaça na cabeça ou nas mãos. Tais cabaças, usadas para a entrega de oferendas nos lugares sagrados, contêm alguns elementos de mistida (assunto). A cabaça é uma chave para interpretar questões sociais e de relação com a vida e a morte. Ocorre, então, que em certas circunstâncias os mistérios são apresentados e revelam aspectos positivos e, noutros momentos, impedimentos e a própria aproximação da morte e de ruptura da ordem social, ancestral e cósmica.

“A cabaça simboliza ainda o compromisso, o laço, a semente, integra os ritos tradicionais das comunidades guineenses. Partir uma “panela” ou uma certa cabaça, numa determinada situação, é quebrar uma linhagem, o que significa a morte dos seus membros e sua consequente desintegração. Então, aqui se aplica adequadamente o dito guineense: kabasta kumpu, ma kabas tamba dana [a cabaça constrói (une), mas a cabaça também destrói (desintegra)], pronunciado em momentos de grandes cerimônias tradicionais, quando se quer chamar a atenção para a importância especial de dar a uma cabaça de mistida.” (SEMEDO, 2010, pg.113)

A cabaça serve ainda para outras funções tal como porta-oferenda para *oiran*, que é uma tradição passada de geração a geração, para transportar comida sagrada dos fanados (circuncisão) de casa para barraca (o lugar onde acontece o ritual sagrado de circuncisão). As mulheres do interior utilizam cabaça para vender; ela é usada como vasilha para que todos numa casa possam comer juntos, isso é uma tradição. É usada por mulheres para pegar água

no rio ou no poço, que tem menos profundidade, e também é utilizada nas decorações da casa. Um pedaço da cabaça serve para curar uma doença chamada kambletch, doença comum na etnia Mancanha, nesse caso o tio da criança, por parte da mãe, é que vai amarrar aquele pedaço de cabaça na mão da criança. Por fim, a cabaça é um símbolo da união na sociedade guineense.

Ao apresentarmos a cabaça e outras manifestações no presente capítulo da monografia, temos como ponto de convergência a relação, sempre indissociável, do uso dos panos, das estamparias e o seu significado conjugado com outras manifestações para estabelecer as relações, sem desconsiderar outras, de socialização, de aproximação com o sagrado e com a iniciação. O ritual do casamento ilustra a relação; mas ela é forte também e foi apresentada acima noutros costumes tradicionais como na colegassom e na mandjuandade.

### 3 CAPITULO II - AS ESTAMPARIAS NA ETNIA MANJACO: PRESENÇA DA ESTAMPARIA NAS COMUNIDADES MANJACOS

Nesse capítulo descrevo a presença da estamparia nas comunidades manjacos, faço referência aos diferentes tipos de rituais acompanhados dos panos de pente e as suas variações de um lugar para o outro. “Desta forma são as marcas culturais que diferenciam socialmente um grupo de outro, seja de um país para outro ou dentro do mesmo” (CANDE, 2008, pg.21). Portanto, apesar dessas variações nos rituais dentro dessa etnia; o elo em comum é o pano de pente, presença recorrente.

Ponto importante, no que toca à etnia manjaco, é a sua cultura diversificada e igualmente a sua influência significativa na cultura guineense. A influência pode ser constatada nas suas realizações tradicionais com a presença de panos de pente, que atraem atenção de outras etnias, fato que assegura à etnia manjaco, tal como ocorre com a etnia papel, a identificação com os panos de pente e mais ainda uma identidade que é repassada para o conjunto mais amplo da população da Guiné-Bissau. É bom destacar que dentro dessa etnia há comemorações, o KatchutUran e Colegassom, que têm por finalidade maior ou específica apresentar os vestuários, que são feitos pelos *panos de pente*.

KatchutUran é uma festa que se realiza só uma vez por ano. Ela é feita, no mês de dezembro, em Caió e, em Jeta, no mês de dezembro. Por sua vez, a Colegassom se realiza na etnia manjaco em geral, em qualquer lugar onde tem um elevado número de pessoas componentes desse grupo étnico.

Tais festas são meios pelos quais os panos de pente são apresentados; isto é, o seu uso passa a ter valor social, comunitário e, na mesma ordem, a valorização do modo pelo qual os processos de confecção são feitos e depois materializados nas festas. É assim que o katchuturan e o Colegassom se constituem em festas que têm por finalidade apresentar os vestuários que são os *panos de pente*.

No Katchut Uran, o aspecto feminino mostra que as mulheres usam as roupas com certa simplicidade, dando um valor especial para panos simples e de uso banal, cotidiano. O arranjo é tudo neste caso; as mulheres cobrem os quadris com os panos e complementam a estética com colares ou contas. Elas usam os panos pendurados no corpo e usam busto na

perna. No Colegassom as mulheres cingem os panos completos no quadril com sindjadura<sup>2</sup> e usam camisa de soca ou ropom.

As informações, dadas no parágrafo abaixo, foram baseadas numa breve entrevista com Eduilson Carlos Mendes, que foi realizada no dia 23/09/2016. De modo específico, a entrevista ajudou a esclarecer algumas informações sobre katchut uran. Vamos a ela nos parágrafos seguintes.

Katchut uran é uma manifestação cultural dos Mandjacos de Caió e Jeta, feita pelos jovens na “tumba”, local de encontro destes jovens com a finalidade de realizar rituais sobre a vida de Uran ou Mandjuandadi. A cerimônia “Katchit uran” é realizada no inverno e no período da nova colheita de arroz. O anúncio para a realização desta manifestação é feito através do responsável ou representante daqueles jovens, que é escolhido por meio de um sufrágio eleitoral. Sendo assim, depois do anúncio, todos os jovens vão para a tumba com intuito de saber se pode ou não participar da manifestação, que é dita através de “Kabupa”<sup>3</sup> que desempenha a mesma função dos oráculos do mundo helênico.

Existem três motivos que levam os Mandjacos de Caió a realizarem esta manifestação cultural: o primeiro motivo é para saber entre aqueles jovens, quem tem mais estrutura física para enfrentar o frio, porque durante a cerimônia é jogada muita água em cima das pessoas que estão a realizar os rituais, águas que vem de diferentes comunidades vizinhas e da própria aldeia. O segundo motivo é para exaltar o valor da representação de uma geração. Para realizar o intento, então, é construída uma vassoura, que tradicionalmente vigora, até os dias atuais, como instrumento de limpeza na Guiné-Bissau. Ela é construída com as folhas de palmeiras. A vassoura é, a rigor, uma forma de enaltecer o poder do seu representante ou presidente. Outro processo é feito a partir da participação das meninas da comunidade. Elas fazem uma contribuição; uma “cota” em dinheiro, respeitando o valor fixado pelo líder da mandjuandade. O montante arrecadado; o dinheiro, vai para o bolso do próprio representante

---

<sup>2</sup>Sindjadura é um instrumento usado pelas mulheres e é feito de linhas.

<sup>3</sup>Kabopa desempenha mesmo função com Oraculo. É o lugar na comunidade “Caio” onde as pessoas recorempara esclerecer algumas coisas como; saber do futuro, proteger a comunidade, e ainda desempenha varias funções.

da Geração. O terceiro e último motivo prende-se à criação de um incentivo para os homens de propaganda, “Undigas na língua manjaco”. Uma comida denominada de “kakomb” é preparada com farinha e banana e funciona como incentivo para eles. Depois da escolha da Kabupa ou kansaré de homens e mulheres que vão participar na cerimônia, cada jovem leva a notícia pra família; dando conta da sua participação na manifestação de KatchitUram. Por outro lado toda a família fica feliz e agradecida com a participação do filho ou da filha na manifestação cultural para a valorização da cultura deixada pelos seus antepassados. Depois inicia-se uma nova etapa de junção de “*panos de pinte*”, os cobertores, contas para o enfeite, óculos para os olhos que vão suprimir a quantidade de água que vai ser lançadas durante a atividade. O corpo é coberto com óleo de dendê, que é passado para a proteção contra a água e o frio.

Ainda, no que toca ao representante de *mandjuandade*, é construída “*Untadju*” ou barraca coberta de *panos de pinte*. Esta construção é feita pelos próprios jovens, que fazem parte da *mandjuandade*. *Igualmente e com* antecedência eles avisam o presidente, a pessoa escolhida, sobre a data e a hora em que será realizada a construção da referida barraca. Os manifestantes e o padrinho, acompanhados com cinco litros do vinho de palma, fazem a alugação de couro de vaca que é denominado de “*Upam*”<sup>4</sup>, a sua alugação é feita por três dias com cinco litros do vinho de palma para entrada e cinco para retorno da mesma.

A família, segundo e seguindo a tradição, informa para os outros familiares sobre a sua participação na manifestação cultural, pedindo muitos *panos de pente* que serão usados durante todo o evento. O participante precisará trocar os panos todos os dias e; para o enfeite da rua, o uso dos panos vai servir de informe para as pessoas sobre a sua participação no evento.

Durante o evento é feita uma fila em que o menino fica à frente das meninas, ele segura na mão direita um objeto denominado de “*puntam*”<sup>5</sup>; na mão esquerda o menino segura um guarda-chuva e porta um apito na boca. Também o competidor conta muito com o participação dos seus familiares, porque cada família vai para apoiar o membro que está concorrendo. A participação da família é fundamental, porque a partir daí as pessoas da

---

<sup>4</sup> Upam é o corro de boi que é usado por concorrente e também serve de veste.

<sup>5</sup>Puntam é cauda de boi que é freqüente o seu uso na cerimônias tradicionais.

comunidade vão descobrir se o competidor é bem visto como uma pessoa exemplar no seio da sua família ou pelo contrário será descoberta a sua má conduta na família.

A manifestação do evento é feita durante três dias. Depois os manifestantes terão descanso de um dia. Na sequência e na volta a ação é feita na porta da família, que repassa os presentes dos familiares pela sua participação e o enaltece em nome da família. A coordenação desta atividade é feita na “Tumba” onde são feitos os relatórios sobre os três dias de atividades.

Para concluir o capítulo, não é demais informar que, além dos panos de pente, nessa etnia existe uma grande variedade de panos. As funções, os usos e as técnicas empregadas para a confecção são muito importantes; mas todas as questões levantadas aqui são dinamizadas pelo uso nos espaços cotidianos e nos momentos de passagem e de iniciação. É o caso do uso dado aos panos, por exemplo, nas diferentes circunstâncias da vida comunitária e especialmente na morte e no casamento. Nos funerais, nas cerimônias de *tokachoro*, nos casamentos, e entre outras ocasiões festivas, há o uso do pano marcado, que é um dos panos mais importante para os manjacos. Neste caso, o pano marcado é um elemento de uso exclusivo ou de identificação dessa etnia; podemos afirmar que é um pano que revela os manjacos. Por fim, quero enfatizar, a partir de uma citação, a questão do uso, central para o meu estudo. Como o uso é o ponto que interessa: “são simples panos de vestir nas festas mas também são utilizados de vez em quando nos funerais, depende da possibilidade econômica de cada família” (manjacos). (PANARIA, Internet, 11/05/2016)

Os manjacos reservam os panos ricos para ocasiões especiais tais como para o casamento, cerimônias e principalmente para mortalha. As mulheres manjacos sempre preparam suas malas, nas quais colocam tudo que é necessário para ter um funeral digno. Há circunstâncias nas quais esses panos de pente são usados de lenções, mas o uso mais frequentes é de cobertor; e os panos que são usados como cobertor são os lanciados, isto é, os mais simples e leves.

## **4 A FUNÇÃO DA ESTAMPARIA: NO CASAMENTO, NA MORTE, NA RELIGIÃO**

### **4.1 FUNÇÃO DE ESTAMPARIA NO CASAMENTO**

A presença da estamparia, o seu uso, no casamento da etnia manjaco revela aspectos da organização dessa etnia. No caso do casamento, a presença do pano de pente começa desde o pedido da mão da moça em casamento na casa dos pais ou familiares e segue até o momento do nascimento dos filhos. O pedido realiza-se da seguinte forma: o noivo e os seus familiares vão arrumar as bebidas de diferentes tipos tais como aguardentes, refrigerantes, uísques, vinhos do tipo branco e tinto. Há também a exigência de um valor mínimo de dinheiro estipulado pela família da noiva. São ou compõem as exigências a oferta de velas, fósforo, agulha e por fim panos de pente. Todos esses elementos vão ser juntados e colocados numa cabaça. Os familiares, ou seja, a mãe, a irmã ou tia do noivo vai carregar na cabeça acompanhada pelo noivo e outros membros da família em direção à casa da noiva. Ao chegar à casa da noiva, os familiares da noiva vão receber os familiares do noivo, rito de encontro selado pelo ato de derramar água na porta antes deles entrarem na casa; em seguida vão entregar a cabaça para a família da noiva e dizer o motivo que os fez chegar ali; ao cerimonial do casamento. Para confirmar, os pais ou encarregados da noiva vão perguntar se ela quer mesmo aquele noivo. Depois da resposta da moça; a noiva, ela vai começar a desarrumar a cabaça tirando uma por uma as coisas contidas na cabaça. Em seguida, ela vai receber os conselhos dos mais velhos, que também passaram pelo mesmo rito de iniciação e que agora seguem a tradição. Os mais velhos dirão, então, os conselhos e orientações básicas, conforme a tradição e experiência, de como ele deve se comportar com marido e de como ele deve cuidar da casa. Eles darão, num resumo, todo conselho que é necessário para, na visão deles, garantir a duração de um casamento.

**Figura 8** - Noiva após aceitar o noivo, abrindo cabas para receber a explicação sobre os objetos contidos sobre o pedido a sua mão



Fonte: Acervo de autora

Vale ressaltar que todas essas tradições são preservadas e passadas de geração a geração. Como dizem os mais velhos quando aconselham os mais jovens ou *assimkuno donas ta fala ba* ( como dizia os nossos avós ), essas informações *konsidju* ( conselho ) facilita os mais velhos a passar os conhecimentos aos mais novos. A citação aqui transcrita dialoga com a realidade da transmissão oral.

Outro aspecto importante são os comentários do informante que podem ser explicações que fazem parte da tradição ou são invenção do informante. Pode se tratar de um comentário carregado de alusões, contudo necessárias para a compreensão da mensagem. Tudo isso são peculiaridades da tradição oral que é necessário conhecer para poder compreender, numa abordagem crítica, e assim, também, poder categorizá-la em gêneros; pois fazem parte da tradição os *valores multurais*, dentre os quais se contam as narrativas (contos diversos, ditos, provérbios), cantos, ritos, entre outras manifestações que são passadas de geração para geração. (SEMEDO, 2010, pg.78)

A propósito das manifestações, conforme a citação do parágrafo lido, que são passadas de geração para geração, na etnia manjaco quando um homem quer pedir a mão de uma mulher em casamento, quer seja ele da etnia manjaco ou não, ele tem que cumprir as mesmas obrigações, que é de pedir a mão de moça em casamento (*leba cabas*) como já descrevi na minha fala anterior. É necessário também fazer a cerimônia *desahará*, na qual a noiva vai permanecer dentro da casa sem sair por alguns dias. “É também nesse processo de passagem de testemunho entre gerações que a tradição guineense vai se construindo e se reconstruindo, como bandas saídas do tear e transformadas em panos”. (SEMEDO,2010,pg.76). Antigamente a noiva permanecia uma ou duas semanas dentro da casa, mas agora elas só permanecem por uns dois ou três dias; tudo, de acordo com o decorrer do tempo, sofre transformações.

Nestes dias, que a noiva permanecer dentro da casa sem sair, é para receber conselhos das mulheres mais velhas ou idosas. Além da reclusão doméstica, ela vai, no transcorrer do dia, receber banho pela orientadora (*lambé*)<sup>6</sup>. A noiva é vestida tradicionalmente com panos de pente pesados; e cada dia ela vai trocando aqueles panos. A tarefa da troca é dada à tia da noiva que, respeitando a tradição, faz questão de levar panos para que a sobrinha possa usar naqueles dias e durante as cerimônias. No dia da saída da noiva, ela, coberta com os panos adequados, realiza uma das cerimônias fundamentais que é *kumékubamba*, que é uma comida tradicional feita de milho, arroz, leite de vaca, olho de palma (azeite de dendê) e açúcar. O alimento é colocado numa cabaça ou vasilha improvisada, mas o ideal é na cabaça para os noivos comerem juntos; numa materialização da união conjugal.

De acordo com os costumes, no dia em que a noiva vai sair, ou seja, deixar a casa, o isolamento, é nesse dia que *kubamba* vai ser cozinhado. Há ainda outra comida de galinha, que os noivos comem; mas primeiramente eles vão comer *kubamba*. Existe sempre uma pessoa que vai estar lá para dar a comida na boca dos noivos; sem esquecer que os dois usarão, de modo especial, os panos. Outro fato ou dado marcante é a disputa entre os noivos, que é

---

<sup>6</sup>Lambé é a pessoa escolhida nos familiares para acompanhar a noiva durante o processo de realização das cerimônias.

comum no momento em que eles vão comer com as próprias mãos. Neste momento existe uma disputa ou desafio para saber que vai conseguir levar primeiro a comida à boca.

**Figura 9** - Noiva e Noivo sendo orientados para comer *kubamba*, a primeira comida sagrada.



Fonte: foto de Odete Semedo/ Tony Ferrage

**Figura 10** - Noivo e Noiva comendo a segunda comida sagrada



Fonte: foto de Odete Semedo / Tony Ferrage

Como dizem na África “cada velho que morre é uma biblioteca que fecha,” porque os conhecimentos são passados de boca em boca, ou melhor, são passados pela tradição oral. Às vezes os conhecimentos são passados literalmente pela boca. Tal realidade, por exemplo, a competição dos noivos, é um retrato dessa transmissão oral de conhecimento, de crenças e do ato em si. Assim, segundo os mais velhos, o ato vivenciado pelos noivos alimenta a crença, que tem reflexos e influencia no momento do nascimento dos filhos. De acordo com a tradição e considerando o momento de comer, se for a noiva a vencedora na disputa de levar a comida à boca, o primeiro filho do casal vai ser menino; mas se for o noivo o vencedor, o primeiro filho será menina. Afirmar também a tradição que quem “vencer” o jogo; a disputa, terá mais sorte no casamento.

No ponto relativo aos panos, antigamente havia os panos reservados para presentear a noiva após lua de mel. Outra prática comum era colocar bandas brancas para enfeitar a cama dos recém-casados. O uso, neste caso, era “acompanhado”, no dia seguinte, pelas mulheres mais velhas, que entravam no quarto para ver o lençol e constatar se a noiva era virgem ou não. No caso de confirmação da virgindade, a noiva recebia vários presentes; inclusive aqueles panos que foram reservados para esta finalidade e de acordo com os costumes dos antepassados. Nas festas antigas a confirmação da virgindade deixava a família orgulhosa, mas atualmente isso não é mais uma questão relevante. Na atualidade, em conformidade com a luta para superação do machismo, o pano de pente de bandas brancas desempenha outras variadas funções. Numa forma de resumo temos que:

O pano de bandas brancas, costurado com linhas brancas, é a primeira peça que a noiva usa, após o paninho e a calcinha, depois do banho sagrado no dia da cerimônia de *rianta* [cerimônia do casamento tradicional]. Esse pano de bandas brancas é também uma das primeiras peças da mortalha de uma mulher. Quando uma jovem atinge a puberdade, e ao ter o período menstrual, é-lhe dado, pela mãe ou pela avó, um pedaço de banda branca como pano higiênico, simbolizando a banda branca o ser mulher, a maternidade e, ainda, os cuidados que se deve ter com o corpo. (SEMEDO, 2010, pg.100)

Após o nascimento do primeiro filho ou filha do casal, a mulher ganha o presente de pano para fazer *bambaram* (*ianck*), que é o pano com quatro pontas para prender a criança nas costas da mãe. O artefato para transportar e proteger a criança pode ser relacionado ou identificado com um porta-bebê; porque os dois desempenham quase a mesma função. Esse *bambaram* é construído com quatro bandas, que tem como função principal facilitar a vida da mulher em termos de cuidar da criança, do filho (a). O ato de cuidar envolve, ao mesmo tempo, as condições de que elas, as mães, necessitam para trabalhar, porque há

circunstancias nas quais a mulher fica em casa sozinha para fazer faxina, lavar as roupas, preparar o almoço e os demais trabalhos domésticos e não tem com quem deixar a criança. Além do uso no espaço doméstico, o bambaram é muito utilizado também pelas mães comerciantes e; da mesma forma, por outras que saem de casa desde a manhã para vender e executar os mais variados trabalhos. O bambaram revela e reforça o papel central dos panos, na medida em que o seu uso determina uma escolha estética e, sobretudo, uma técnica sofisticada para proteger e cuidar da criança; sem, no entanto, retirar a mobilidade das mães.

#### 4.2 FUNÇÃO DE ESTAMPARIA NA MORTE

A função da estamparia na morte, na etnia manjaco, é de extrema relevância. Segundo as tradições, nenhum manjaco pode ser enterrado sem panos de pente, e se ocorrer tal fato, diz a tradição que a alma dessa pessoa não vai descansar em paz enquanto não conseguir panos, porque ele vai ficar com frio. Para os manjacos ser enterrado com grande quantidade de panos e aqueles mais caros e pesados, significa que aquela pessoa é batalhadora e será valorizada. É por esta razão que as mulheres manjacos têm por tradição as malas, nas quais guardam as suas coisas pessoais e principalmente os panos de pentes.

A mala é um bem muito valorizado, sendo assim uma mulher manjaco tem, especialmente se casada, sua mala. As não casadas devem igualmente, assim que as condições econômicas permitirem, arrumar sua mala. A mala será o lugar onde ela colocará seus pertences e sua mortalha. Pensando nesta realidade, elas compram panos pouco a pouco e vão organizando a mala. Há aquelas que preferem contratar um ficial “tecelom” para fazer os seus panos de vários tipos, dependendo da possibilidade financeira de cada uma.

Para os manjacos ter um funeral digno é condição indispensável ser enterrado com muitos panos. Serve de modelo ou referência os manjacos de Caio, que têm como tradição a organização dos panos feitos pelas filhas adultas, que terão o papel social de apresentar os panos para enterrar a mãe. No momento do funeral, depois que a mãe está toda vestida para ser enterrada, nesse exato momento, na cova que é preparada para ela; cada filha vai levar a sua quantia de pano. O depósito dos panos na cova é a afirmação pública do amor e da valorização da mãe.

Ainda para os manjacos, quando morre uma pessoa normal; sem recursos financeiros e posição social especial, uma das primeiras coisas a serem feitas é tentar conservar o corpo. O processo de preservação do corpo é feito com técnicas desenvolvidas

pela comunidade. Numa das técnicas, os manjacos colocam aguardente ou limão na boca do falecido (a), para que corpo não apodreça muito rapidamente. No passado havia outra técnica, que consistia em levar o cadáver para o banheiro, nesta técnica de preservação o corpo ficava sob a responsabilidade ou cuidados das mulheres viúvas, que lavavam o corpo. Atualmente os corpos são lavados na madrugada e no quarto do próprio morto ou de algum familiar. Os manjacos de Picixe só lavam o defunto de madrugada. Conforme atestam algumas pesquisas, o ato de lavar é “o primeiro momento do tratamento do cadáver, sem no entanto fornecer outros elementos relacionados com o processo de tratamento e de conservação que geralmente dura alguns dias ou mesmo uma semana”.(CARVALHO , 2003, pg.13)

Depois de lavado ou limpo o corpo era, nos tempos antigos, fumado numa fogueira para não apodrecer no curto período do velório. A técnica da fogueira não é utilizada nos dias atuais.

Nas tabancas quando morre uma pessoa costuma ter anúncios de modo tradicional, como descreve o autor: é o “*bombolom* que anuncia ao regulado inteiro e, no compasso rítmico dos seus tocadores, vai contando as virtudes e as glórias do senhor”. (LANDESERT,1935, pg.46). Nessa etnia, até mesmo a pessoa que morre no hospital vai ser levada para casa. O objetivo, em concordância com a tradição, é realizar os rituais da família.

Os manjacos conservam o corpo de acordo com os dias que vai permanecer em casa, porque há casos em que é preciso protelar o sepultamento. Em tal situação, quando um membro importante da família do falecido está fora do país, a preservação é vital para possibilitar o deslocamento dos familiares que estão distantes. Outras vezes a demora tem relação com a cerimônia ou cerimônias, que exigem o retardamento do enterro para a realização de diferentes rituais.

No passado, nas tabancas, os manjacos recorriam ao Iram para saber o motivo da morte. O texto aqui é bem ilustrativo a respeito dessa realidade.

*a namacavai* em fumagem ao iram agradecer a graça da última refeição que o seu morto lhe proporcionou. E, desde então, em algazarra ensurdecadora, o povo aos reconvindos vai aumentando o coro das lamentações. O sacrifício de gado inicia-o *nanguram*( sacerdote) e, a uma e os rapazes lançam-se a matança e comezaina copiosamente regada com aguardente.”( LANDESERT,1935,pg.46-47)

Depois do tratamento do corpo do morto, o cadáver é colocado na cama para ser vestido. O primeiro passo começa ou passa pela contagem de panos de pente. O cadáver vai

ser vestido de acordo com o seu nível social, o que significa dizer que a pessoa abastada ou com nível social elevado terá mais possibilidade de ser enterrado com número maior de panos em relação as outras que tem condição social inferior.

**Figura 11** - Cadáver após ser vestido tradicionalmente



Fonte: Acervo de autora

Após a morte da uma pessoa da etnia manjaco que já é adulta, as filhas, netas e sobrinhas durante uns dias passam a usar camisa de soca com panos de pentes que simbolizam a solidariedade e o desgosto da família.

Os manjacos de Picixe têm os seus fundamentos paralelamente os mortos. Entre eles, a filha mais velha, a partir do dia do falecimento da mãe, passa a usar uma banda que vai ser tirada de um pano sagrado. A filha levará para todos os lugares a banda, que ela deixará de usar somente depois da realização da cerimônia de *toka tchur* (tocachorro), que é um ritual que se faz para os mortos. A rigor é uma homenagem, que segundo os ancestrais é necessária para a paz espiritual do morto. Caso não seja feita a cerimônia de homenagem, a alma do morto não descansa em paz. É vital salientar que após a morte de um membro da família, os

manjacos fazem uma pequena cerimônia para saber o motivo da morte, ou seja, se foimorte normal ou se há uma outra razão.

Para tal é realizada uma pequena cerimônia que consiste em sacrificar um galo e derramar uma quantidade de aguardente. A seguir o galo é aberto ao meio para analisar as suas vísceras. Se estas se apresentarem claras é o sinal de que tudo está bem com o defunto. Se pelo contrário os órgãos se mostrarem pardos é porque existe algum problema que precisa ser esclarecido pelo becthesal /bekabutchuás(djongago)<sup>50</sup> ou pelo napene(djambakós). (MENDES,2008,pg.212-213)

Da mesma forma que é preciso o ritual da homenagem para a alma descansar em paz. O mesmo processo deve ser feito com os panos, que são fundamentais para o sepultamento. Se uma pessoa não é enterrada com os panos; na tradição manjaco, a sua alma permanece com frio. O que significa que ela não terá paz no plano espiritual; sentirá os infortúnios da ausência dos panos.

Os panos são contados é utilizado prioritariamente para vestir o morto. Após o seu uso para “proteger” a pessoa falecida, eles, os panos que sobraem, são divididos com filhos (as), sobrinhos, netos e entre outros membros da família. Apesar dessa divisão,a mala da falecida tem que permanecer com panos até o período em que vão fazer a cerimônia de *tokachoro*.

A forma como é feito os enterros dos manjacos varia de um lugar para outro.Existe diversidade no interior da própria etnia, os enterros dos Picixe, após terminar de vestir o defunto, colocam a pessoa na cama até chegar a hora do sepultamento. Na hora do enterro a pessoa é transferida para o caixão, em seguida são colocados os panos no caixão. O ato de depositar os panos é feito também, numa forma de solidariedade, pelas pessoas que chegam para acompanhar o sepultamento. Alguns deixam ou passam os panos para os familiares para os mesmos depositarem no caixão; é uma forma de contribuir com a passagem do falecido (a) para outro lado da vida, do “mundo”.

Os manjacos deCaió realizam o ritual com diferenças pontuais em relação ao de Picixe.Estes, antes de colocar o cadáver na cova, depositam os panos. A oferta é feita pelos familiares de diferentes *djorsom*, que reúne a linhagem de pai e mãe. No primeiro momento é feita a entrega dos panos pelos *djorsom* da parte paterna i e depois pela linhagem materna. Em seguida as filhas também vão colocar as quantias delas e só depois disso é que o cadáver vai ser sepultado. Aqui é necessário ressaltar que cada tabanca tem o seu modo de realizar o

funeral. As variações são muitas, há diferenças até na forma de colocar o cadáver na cova; questão que revela as diferenças existentes no interior da própria etnia e dos seus vizinhos.

Os manjacos tem a figura de chefe de cemitério- o uguram ou nanguram – e é ele quem determina a profundidade e outros detalhes relacionados com a sepultura. Tal como existe a figura de chefe de cemitério, existe igualmente a de coveiros que constituem uma casta no interior *dadjorson*...As sepulturas são concebidas tendo já em consideração a orientação do cadáver em relação ao sol. Tanto Mancanhas como os Papeis e Manjacos orientam os cadáveres no sentido nascente – poente... a posição do corpo varia. Entre os papeis e os seus vizinhos manjacos de picixe, o cadáver é sepultado deitado de lado com o rosto voltado para a parede. Os manjacos de costa de baixo enterram o cadáver deitado de costas o mesmo acontecendo entre os mancanhas. (CARVALHO, pg. 20-21)

Para encerrar o capítulo, vale ressaltar que o valor mais significativo para etnia manjaco é a valorização dos panos de pente e também a forma como é respeitada a pessoa que foi enterrada com uma grande quantia de panos.

#### 4.3 FUNÇÃO DE ESTAMPARIA NA RELIGIÃO

A presença dos panos de pente nas práticas religiosas, no interior da etnia manjaco, é visível nos dirigentes; tanto os régulos como os sacerdotes (*Djambakus*), e nos momentos da realização dos rituais. É frequente o seu uso na realização das cerimônias tradicionais e no pagamento das promessas feitas ao *Iran*, que é uma força vital representada por algumas imagens e símbolos sagrados como madeira elaborada, pequenas casinhas de palhotas, árvores enormes decorados no tronco com panos vermelhos e, na sombra ou debaixo da copa das árvores, potes e cabaças. Todos esses símbolos ou imagens em qualquer lugar identificam o *Iran*. De acordo com os símbolos mencionados no parágrafo e que identificam o *Iran*, podemos afirmar que são estes lugares que as pessoas recorrem, conforme os seus interesses pessoais, para fazer os seus pedidos e promessas.

Nas tabancas é frequente a realização de cerimônias aos *irans*, as referidas cerimônias pode ser pessoal, familiar ou geral, isto é, comunitária e realizada por toda a tabanca. A propósito da participação da tabanca, ela ocorre quando uma doença atinge o conjunto da comunidade e provoca mortes das pessoas, dos animais e prejuízos para a lavoura. Neste caso fica justificada a participação da comunidade em geral para defender os interesses da tabanca. Conforme a tradição são os mais velhos que recorrem aos *irans* para pedir ajuda no sentido de proteger as suas familiares.

Nos rituais e nas cerimônias realizadas nas tabancas, há sacrifício de animais acompanhado com bebidas. Nesses momentos, durante a realização das ritualísticas, os sacerdotes sempre usam os panos de pente. Vale ressaltar que o *Iran* só se alimenta de sangue de animais e bebidas, entre outras, aguardente, vinho tinto, vinho de palmo extraído de palmeira que é um dos mais sagrados nas cerimônias.

Em todas as tabancas dos manjacos, cada um tem um *Iran* (em língua manjaco é chamado de Ussai ou Utchai) que considera maior de todos e tem alguns como referência, tais como descreve o autor abaixo.

São celebres no seu território cinco *irans*  
 O de Uli de Picixe;  
 O de Camian de Cupol;  
 O de Urungal de Canhobe;  
 O de Cobia em Cacheu ao qual atribuem o dom de se exprimir pela palavra;  
 E o de Bacóne em tinhate, o prazenteiro fetiche da mocidade. ( LANDESERT, ano?  
 pg.48 )

Todos esses *irans* citados são espíritos sagrados. Cada *Iran* pertence a um lugar que cuida e protege. Além de cuidar e proteger, *Iran* cumpre o papel de punir aqueles e aquelas que não são responsáveis no que tange às suas obrigações. Muitas vezes as obrigações têm relação com a oferta ou os enfeites feitos com os panos. Numa síntese, há uma relação de energia; a pessoa chega ao *Iran* faz os seus pedidos e promessas e, em seguida, o seu pedido se realiza, ou seja, a troca de energia se materializa. Quando ocorre a troca; a realização do pedido, imediatamente essa pessoa tem que voltar para agradecer e cumprir a sua promessa como foi combinado; caso contrário o *Iran* punirá essa pessoa.

## 5 CAPITULO III - ESTAMPARIA NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLITICA

Descrevo, neste capítulo, a presença de panos de pente na organização social e política dos manjacos. No que diz respeito à organização social, política e os panos de pente, as autoridades representadas pelo conselho dos anciãos, ou seja, os régulos, dirigentes, são identificados pelas suas vestes tradicionais de panos.

As pessoas comuns também usam, nas tabancas, panos, que assumem um lugar social, político e de organização comunitária no cotidiano dos manjacos. Há o uso como veste para definir ou construir os papéis de gênero e de valorização dos aspectos masculinos e femininos. Tais posições são emblemáticas das realidades sociais “revestidas” pelos panos. Assim, os homens amarram os panos na cintura, fazendo fundinho ou atravessado no ombro; as mulheres amarram na cintura ou no peito.

É importante, a propósito do papel social e político dos panos, levar em conta, nas tabancas, os manjacos se organizam em grandes famílias do tipo patrilinear ou matrilinear. As tabancas são em regra geral denominada casa grande; as famílias são identificadas pelos nomes, que representam verbalmente um agrupamento de pessoas. Não é demais salientar, então, que a casa grande é um espaço no qual há a reunião de várias famílias da mesma linhagem. A casa grande ainda é conhecida por *kasa de djorsom* (casa de linhagem). A casa de *djorsom* significa que todos os membros da família têm que conviver juntos para ter mais união. Desse modo é mantida a união entre as pessoas da mesma linhagem; as famílias crescem e os filhos constroem novos lares. Além de manter essas tradições, a união traz a força para o grupo nas comunidades. E o símbolo que representa toda essa união é a cabaça, que é simbologia da união, que também anda sempre acompanhada de panos nas cerimônias.

O uso que se faz do pano de pente e da cabaça, em situações bem precisas de cerimônias tradicionais e festividades, emprestou esses objetos o caráter de um sistema de sentido na cultura guineense, pois sua utilização ocorre através de um comportamento sistemático que os tornam “testemunhos de estruturas preexistentes na mente do sujeito que criam a forma destes materiais. (SEMEDO, 2011,pg.86/ HIERNAUX, 1997,pg.160-162).

Ainda ressalto que o uso de panos e cabaça nas comunidades, além de serem elementos preciosos nas realizações das atividades culturais, também são materiais que desempenham e englobam vários significados. Os artefatos (HIERNAUX, 1997,pg.162, apud SEMEDO, 2011,pg.86) “são esses materiais ou objetos socialmente produzidos e reproduzidos que causam nos indivíduos efeitos de restrição social e efeito psico-afetivos”.

Cada pano simboliza o momento do seu uso em certas circunstâncias a partir da cor, e não só na etnia Manjaco, como na etnia Mancanha, que o fato de uma mulher usar pano de pente preto com tiras branco simboliza luto. Do mesmo jeito, os outros tipos de panos desempenham a mesma ou função diferente em outras sociedades como descreve Semedo (2011, pg.99): “O luto dos muçulmanos é manifestado pela roupa branca, enquanto no ocidente é a roupa preta, e é preto o véu que mostra o luto de uma viúva”.

Na etnia manjaco, os panos de pente confeccionados pelos tecelões são comercializados e contribui nas suas economias. Não é só essa etnia que comercializa panos de pente; os da etnia papel também. Outra informação importante é a relação entre panos, cabaça e cantigas, que são elementos interligados na cultura guineense; são objetos e valores culturais que dialogam nas significações e nas estruturas de visão de mundo. Temos, então, que:

Cabaça, panos e cantigas são três elementos que interligam na cosmogonia guineense: o natural que nasce da terra (a cabaça), o manufaturado, produto de uma obra (o pano) e a criação artística que abrange a vivência, o sentimento e o comportamento individual e grupal (a cantiga). Nas cantigas, os dois objetos se fazem presentes, metaforizando acontecimentos e anseios nas suas variadas formas. (SEMEDO, 2011,pg.108)

Considerando a presença desses dois elementos fundamentais que são panos e cabaça na construção das cantigas (músicas) de mandjuandade, eles desempenham as seguintes funções: o pano é usado nas letras da cantiga e a cabaça na construção de som, e essas cantigas, na sua maior parte, falam mais da vida das mulheres no cotidiano. Nessa questão entra a crítica sobre a desigualdade de gênero, na medida em que as cantigas reproduzem visões machistas, que desvalorizam as mulheres. A partir do texto abaixo sabemos que apenas as mulheres são julgadas e criticadas. Serve como exemplo dessa realidade, que é retrato da sociedade, que a traição feita pelas mulheres e feita pelos homens são julgadas diferentemente. As cantigas refletem isso, é bom para compreensão dessa realidade ler a citação que segue aqui.

Pode figurar ainda, a mulher rejeitada, renegada pelo marido, a mulher com honra manchada. Entre outras, são disso exemplos as cantigas **Nha panu preto**/ n ka na baidurmisinbo [Oh meu pano preto/ não irei vou dormir sem ti], **Ami i panu de fukandjaina** baraka/ falan bu ka mistin/ utru na toman [Eu sou o pano usado (o que se encontra) numa barraca / diga-me que não me queres/ pois outro há-de me queres], **Barelankundas**/botornan nha panu [Gente de varela/ devolva-me meu pano], **Muntrus de Barela** [Mentirosos de Varela], todas elas cantadas pelas mulheres nas suas coletividades. (SEMEDO,2011,pg.85)

Ainda dando continuidade sobre a questão de gênero, podemos relevar que existem certas limitações para as mulheres, e uma dessas limitações é: há lugares sagrados nos quais as mulheres não podem chegar; não existe mulher regulo. Essas questões devem ser pensadas, avaliadas e mudadas na sociedade Guineense e igualmente na etnia Manjaco.

As representações e os espaços de comando/mando e poder são ocupados pelos homens. Na etnia manjaco a indicação de renança pode facilitar a compreensão dos papéis de gênero e de poder.

Ainda pensando na questão de gênero, poder e da indicação de renança, nos manjacos. A escolha de regulo varia de um lugar para outro como, por exemplo, manjacos de Picixe, neles; e de acordo com a tradição, o espírito indicará o sucessor. A escolha do regulo, depois da morte, é feita pelo Iran e o critério usado é de escolher o sucessor do mesmo *djorson* (linhagem).

O critério usado na escolha do sucessor acontece da seguinte forma, cada concorrente leva uma galinha para sacrificar nacerimônia, que é dirigida pelo sacerdote (“*djambakus*”). Esse sacerdote durante as cerimônias aparece vestido tradicionalmente com panos de pente e de turbantes. No decorrer da cerimônia, com o mando do espírito, após sacrifício das galinhas, ele indicará a pessoa escolhida para ser o novo regulo, “chefe de tabanca”.

Essas entidades, tanto regulo como *djambakus*, cumprem com as suas obrigações, começando pelos régulos, “chefes”, que em qualquer lugar que vão se apresentam como tal. Eles usam, além de turbante, tradicionalmente panos de pente cingido na cintura ou num outro formato. Um dos modos de usar os panos é chamado de “fundinho”, ele, o pano é amarrado na parte de baixo da pessoa. O outro modo de amarrar o pano é atravessá-lo nos ombros. Os *djambakus* também se apresentam quase da mesma forma com alguns detalhes deferentes, como exemplo, as bolsas que usam e que servem para guardar os materiais que usam para trabalhar. Também existem mulheres *djambacus* e isso é outro detalhe.

## 5.1 COSMOVISÃO AFRICANA

Baseando nas falas de Lopes, com a licença dos ancestrais, na esperança de que esse trabalho de pesquisa lhes acrescente força vital e lhes honre a memória. (LOPES, Nei, 2005)

A cosmovisão africana refere-se à filosofia africana que existe desde sempre. A cosmovisão e a filosofia africana têm relação profunda com ancestralidade, força vital e com a preservação da memória coletiva (LOPES, 2005). No transcorrer desse trabalho a respeito dos panos na etnia manjaco, falamos de vários aspetos dessa cosmogonia. Um exemplo recorrente no texto foi dado pela discussão e pela associação do uso da cabaça, cantigas e panos.

Na cosmogonia guineense o uso desses objetos influencia na preservação da memória dos ancestrais e na construção das identidades. É vital destacar a função de um desses objetos que é a cabaça, que também simboliza o luto na etnia mancanha. No conjunto panos, cabaças e cantigas são extremamente importantes nos cultos das entidades.

Essas entidades garantem a proteções, saberes e conhecimentos, e ainda ajudam a manter a tradição, de geração em geração, na medida que possibilitam o entrelaçamento de ritos e de objetos sagrados para garantir o fluxo de energia vital e comunitária.

A sociedade guineense é constituída por um estado laico. Sendo assim, cada um tem a sua crença, ou seja, acredita nos eu Deus de acordo com a sua consciência espiritual em outras entidades segundo as tradições locais, mas não é Estado que determina ou estabelece o caminho da fé, da religião.

“Deus, *Iran*, *dufunto* (asalma) fazem parte da trilogia que integra a cosmogonia guineense, pelo menos nos grupos animistas” (SEMEDO,2011pg.112). No trabalho aqui apresentado defendemos a visão de energia vital, vitalismo e não de animismo.

Entre as entidades apresentadas no parágrafo anterior, o Iran é o espírito sagrado; e cada etnia o chama de um modo diferente. Nos manjacos é Ussai/Utchai. Existe uma relação entre as realizações das cerimônias tradicionais e o uso dos panos, de modo que os panos acompanham, entre outros, os rituais realizados para os Irans. Há, para os manjacos, uma inseparabilidade do mundo visível e do invisível. O texto seguinte enfatiza tal realidade e diz que:

Para o Manjaco, assim como todo africano, não há dicotomia entre o visível e o invisível, entre o sagrado e o profano, entre a cultura e a religião, entre o material e o espiritual<sup>7</sup>. Mas apresenta uma visão concêntrica do mundo, isto é, que representa um centro comum e raios diferentes. (FONSECA, 1997,pg.15-16)

---

Na etnia manjaco os saberes tradicionais são fortes; porque eles acreditam em diferentes tipos de seres sobrenaturais, que são os espíritos a quem eles cultuam e fazem sacrifícios. Em certas circunstâncias, no momento de cultuar, exige-se uma certa aparência, o que significa que, em certos lugares das cerimônias, não se pode presenciar/participar sem usar os panos de pente. É ilustrativa as cerimônias de fanado (circuncisão) dos Manjacos. Durante todo o processo, os homens usarão panos, e no dia da comemoração não pode ter nenhum participante ou público saindo da casa sem pano.

O *Iran* é o nome comum de todos os seres sobrenaturais nessa etnia. São muitos os *Irans*, mas cada um deles pertence a um lugar dentro da aldeia e tem o nome próprio; Uli, Cobiana, Urungal, e outros. O mesmo acontece com os panos, que recebem nomes característicos dos lugares. É obvio que existem vários tipos de panos, mas há panos que identificam um lugar. O pano marcado pertence aos manjacos e o lancom aos papéis. E eles estão presentes nos cultos de qualquer um desses *Irans*<sup>8</sup>.

As formas dos sacrifícios desses *Irans* acontecem de muitos modos. A propósito, existem os *Irans* que são cultuados só uma vez por ano. Também há aqueles que surgem ou se manifestam de imprevisto. O Uli, é o caso que explica esta realidade, se manifesta de improviso quando há roubo. O papel do *Iran* é vital para restabelecer a proteção. Nestas cerimônias os panos são utilizados; eis a razão da reflexão e da compreensão dos *Irans*, questão que faz sentido para o tema da monografia aqui apresentada.

Nas cerimônias realizadas para o caso específico dos roubos, os *Irans* são chamados. Os animais, que serão sacrificados, são aqueles prometidos anteriormente ao *Iran*. Eles, os animais, são acompanhados de bebidas. Alguns *Irans* são representados por pedaços de madeira elaborados como a imagem de uma pessoa, ou seja, de homem e mulher (confira na figura 12). Outros são representados por pedras.

O *Canssaré*, que também desempenha a função de *djongago*, fica numa cabana específica. Ele tem o formato de cama com quatro paus, que são utilizados como alça para carregar *Canssaré*. Ele é coberto de panos. *Canssaré* tem por função desvendar os ocorridos nas tabancas. As mulheres não podem chegar próximo dos *Irans* que são considerados mais sagrados. Esses *Irans*, os sagrados, ficam mais afastados, isto é, nos lugares discretos como as matas.

---

<sup>8</sup> O termo *Iran* cobre todos os seres e símbolos da religião tradicional Africano-Guineense (SEMEDO, 2011,pg.111).

**Figura 12** - Figura sagrada esculpidas em madeira. Representam os ancestrais.



Fonte: foto Clemente Gomes

Por outro lado é importante mencionar um dos elementos que sempre acompanha o pano nas realizações das cerimônias, isto é, a cabaça que desempenha duas grandes funções nos rituais feitos ao *Iran*. A primeira função da cabaça é de levar o pano nos rituais e a segunda função é aquela que o *djambakus* usa a cabaça para derramar, conforme mostra a imagem 12, a bebida, vinhos e aguardente, no Iran. Entre a cabaça e os panos existe uma ligação, de modo que um acompanha o outro nos rituais.

[...] se o pano cobre os mortos, é na cabaça que os panos são transportados. Se o pano é tecido, se ele mostra e esconde, tal como o discurso, a cabaça é, por seu turno, o lugar recôndito do segredo em que é preciso compreender sua linguagem, para se poder se penetrar no seu mundo. (SEMEDO, 2011, pg. 109)

A cabaça está presente na simbologia e na cosmogonia dos dogon. O exemplo aqui apresentado dos Dogon revela o tanto que a cabaça é usada e igualmente mostra o seu valor em outras culturas e povos africanos; questão presente também na diáspora negro-africana.

Ainda no ponto de uso da cabaça, ela é usada no cotidiano pelas mulheres, é usada na cerimônia de casamento dos manjacos acompanhada de panos e por fim, é bom ressaltar, que a cabaça simboliza união.

Nas aldeias, os espíritos sagrados têm como uma das suas funções mais significativas proporcionar resoluções de conflitos. Os métodos usados pelos *Irans* são reconhecidos e presentes nas comunidades, fato comum na sociedade Guineense. Isto é, há um saber que tem o seu lugar nas manifestações culturais. O Iran não só protege como também pune os que não cumprem com as obrigações e os que roubam algo que é protegido por ele (essa prática se chama *mandji*).

O *Iran* reage de acordo com a circunstância. De acordo com as fontes orais, quando a pessoa rouba o lugar ou algo que é protegido pelo Iran, existe até caso de morte. Se uma pessoa morre por ter roubado algo protegido ou localizado nos domínios do Iran, os procedimentos de funeral serão diferentes. O que significa que essa pessoa não terá o privilégio de ser enterrado com panos de pente.

[...] o que se pretende é saber se a morte da pessoa em causa está ou não relacionada com *befeque* (prática *mandji*), do irande *kantimanah/kantiamnath*. Caso a sua morte esteja relacionada com este tipo de *befeque* (prática *mandji*), o cadáver não será vestido e será arrastado até à sepultura por mulheres da sua linhagem. Os panos e eventualmente o caixão que seriam utilizados para o enterro serão levados para este *iran*. Além disso, deve-se pagar ao *irana* promessa da pessoa que fez *befeque* (*mandji*) por ter conseguido matar o malfeitor. *Befeque Kantimanah/Kantiamnath* é uma das formas de *mandji* mais graves entre os manjaco de Tchur e fonte de conflitos no seio da sua *djorson* (linhagem), uma vez que o veredito do *betchesal/bekabutchuás* (*djongago*) nem sempre é definitivo. (MENDES PAULINA, pg.113)

De acordo com a tradição, tudo que pertencia a essa pessoa que roubou será levado para o *Iran*, inclusive aqueles panos que deveriam ser usado no funeral. Vale ressaltar que os *Irans* desempenham papéis importantes nas escolhas de novos chefes de tabanca e na proteção da aldeia de doenças e de injustiças, etc.

Os espíritos dos ancestrais que são cultuados protegem suas famílias de doenças, proporcionam boas colheitas, facilitam os partos, facilitam boas caças, enfim, tudo que facilita a vivência das suas linhagens.

Por outro lado há momentos em que as almas dos ancestrais “habitam”, “descem” ou incorporam uma pessoa com a intenção de revelar segredos, conduzir cerimônias, trazer recados do outro lado. “É o Iran que diz ao defunto o que divulgar. O defunto escuta e procura

os que têm o dom de se comunicar com ele para depois transmitir – servindo-se da mediunidade dessas pessoas”.(SEMEDO, 2011,pg.112-113). Eo caso também da pessoa quemorre e a sua alma habita uma outra pessoa. Nesta manifestação é revelado o motivo da morte. Outras vezes a manifestação é um veículo para comunicar com os vivos e o morto, então, poder se despedir dos seus familiares. O mesmo acontece com os orixás, como explica o texto:

Os orixás, á exceção aqueles que não incorporam, como Oduduae Orumila, por exemplo, escolhem seus intermediários, aquelas pessoas por meio das quais eles se comunicarão com os humanos. Essas pessoas, então, devem ser convenientemente preparadas para esse mister. (LOPES, NEI 2005, pg.229 )

Dando continuidade a ideia citada acima, os escolhidos para ser intermediário dos *Irans* com os humanos, na etnia manjaco, são chamados de *Djambakus*, “sacerdote”, e que antes de receber esse nome tem que fazer um ritual, “*ronia Iran*”. Quando uma pessoa é escolhida pelo *Iran*, tem que fazer uma cerimônia da iniciação, a partir daí a pessoa vai adquirir novos hábitos entre os quais o uso dos panos e terá mais responsabilidade. A partir dessa realização ela vai poder desempenhar as suas funções como intermediária e ser reconhecida na aldeia. E para melhor esclarecimento, na costa de baixo, Babok (Utia cor) acontece o ritual. A propósito do ritual:

*Bepene* é uma cerimônia que, após a sua realização, a pessoa torna-se vidente, tornando-se apta a dar consulta e/ou curar doença. Assim, *napene* (plur. *bapena*) é um indivíduo animista com poderes ocultos de previsão, de cura e de identificação de malfeitores no seio da comunidade. Portanto, os manjaco recorrem a *napene* para evitar infortúnios que possam ser despertados pela inveja ou para a manutenção do *status que*, no caso de se ter alcançado o sucesso na vida. (MENDES, PAULINA, pg.111/ MENDES, 2008, pg.296)

Nas realizações das cerimônias de iniciação dos Afro-Brasileiros acontece de forma quase idênticas, isto é, após a cerimônia da iniciação também o escolhido terá que adquirir novos hábitos, se vestir de modo especial como descreve o fragmento abaixo.

O primeiro passo é confirmar de preferência por meio de um babalaô, qual o odu que rege o destino dessa pessoa e qual seu orixá de cabeça. Confirmados o orixá e a necessidade da iniciação e tomadas as providências materiais necessárias, o iniciando deve ser recolhido a camarinha, procedendo-se á seguinte seqüência: banho purificatória; uso das vestes apropriadas; cerimônia do bori, para alimentação da cabeça; *sundidé*, aspersão do sangue sacrificial na cabeça; implantação do axé do orixá por meio da colocação do oxu; saída publica para o orunkó ou manifestação do nome; cerimônia da *quitanda* ou *panã*; missa em igreja católica numa sexta-feira em honra de Oxalá. (LOPES NEI, 2005, pg. 229)

Conclui-se dizendo que nesse trabalho as informações mais precisas é a presença de panos de pente em todas as realizações citadas ao longo do trabalho. E a sua importância nas organizações dentro da etnia manjaco e na sociedade Guineense. “Devido á articulação aqui imposta entre os panos – artefatos culturais significativos na cultura da Guiné-Bissau – e as cantigas de dito torna imperativo um conhecimento básico sobre seu processo de tecelagem e os sentidos que, a partir deles, se constroem”. (SEMEDO, 2011, pg.85).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dessa dissertação, demonstrei a presença de panos de pente e astécnicas usadas para sua confecção por tecelões nas comunidades manjaca. Busquei mostrar a importância de todos esses artefatos culturais na etnia manjaco e na sociedade guineense citados ao longo do texto.

No primeiro momento do trabalho, contextualizei o papel da estamparia na Guiné-Bissau, que ao longo do trabalho, não falei só da estamparia em si, mas o valor depositado pela comunidade. Ainda ao longo do capítulo apontei as práticas culturais que representam os panos em suas comemorações como; a mandjuandade e colegassom, que entre os quais apresentam as suas particularidades, de modo que a mandjuandade é manifestada na sociedade guineense em geral, e a colegassom só pertence a etnia manjaco.

Desenvolve a presença dos panos nas comunidades manjaca. De modo que apresentei diferentes tipos os rituais que tem presença forte dos panos e que variam de um lugar para o outro, isto é, dentro da mesma etnia, nas realizações desses rituais que são casamento, morte e religião, para os manjaco não se pode haver nenhuma realização desses elementos sem a presença dos panos. Ainda nessa reflexão destaquei duas comemorações que só pertencem a etnia manjaca, que é a colegassom e katchuturan, que tem como peça fundamental de suas realizações pano de pente.

Por fim, destaquei a presença de panos nas organizações social e política, demonstrando a função dos panos no cotidiano dos Manjacos, e também fiz uma discussão sobre a cosmo visão africana. A sua relação com panos de pente. Ao longo da dissertação veio apontando a presença de panos e suas relações com outros elementos como exemplo cabaça, que acompanha sempre os panos em várias ocasiões, tanto nas comemorações festivas como nas cerimônias das entidades.

Escolhe fazer este trabalho com intenção de fazer com que os outros conheçam também nossa cultura, mostrar o que temos, o que fomos ensinado, e o que os nossos ancestrais lutaram para permanecer até a data presente. Por essa razão presumo que já está mais do que na hora de começarmos a escrever as nossas histórias e não deixar que os outros falem por nós, compartilhar os conhecimentos tradicionais e diversificados.

A pesquisa mostrou que, apesar desse tempo todo, a sociedade Guineense ainda tem mantido as suas tradições ainda bem fortes. Mas com passar do tempo as coisas vêm se transformando, e bem sabemos que a cultura sofre transformação de acordo com a influência

da sociedade. A Guiné-Bissau e principalmente etnia manjaco ainda tem mantido as suas manifestações culturais e étnicas bem conservadas.

Ainda a pesquisa revelou dados importantes sobre a presença de panos de pente em todas essas praticas culturais na etnia manjaco. Os panos de pente ainda então presente em todas as organizações e manifestações dentro da comunidade manjaco. Com esse resultado concludo que os panos de pente representem etnia manjaco, principalmente panos marcados. Gostaria que os estudantes acadêmicos guineense começassem a refletir sobre a nossa realidade, começar a escrever sobre a nossa cultura. Para mim falar desse tema foi uma honra, porque trabalhar com os panos era um dos trabalho da minha mãe que apresento na figura 11, e dedico este trabalho a ela.

## REFERÊNCIAS

AUTOR DESCONHECIDO. Pnaria. 2013. Disponível em: <<http://cacheu.adbissau.org/wp-content/uploads/2013/01/A-Panaria-Manjaca.pdf>> Acesso em: 19 setde 2016

BÂ, Amadou Hampâté. **O menino Fula**. Tradução: Xima Smith de Vasconcelos. Rio de Janeiro: PallasAthena; Casa das Àfricas, 2003.

CARREIRA, António. **Panaria caboverdeana-guineense** : aspectos históricos e sócioeconómicos.[S.l.] : Instituto Caboverdeano do Livro, 1983.

\_\_\_\_\_. **Vida Social dos Manjacos**. Bissau: Centro de Estudos da Guiné-Portuguesa, 1947.

CANDE, Artimisa Odila. **O process de construção de identidade negra em Teresina: O caso do grupo Afro-cultural coisa de Négo**. Salvador 2008.

CARVALHO, Clara. **A revitalização do poder tradicional e os régulos manjacos da Guiné-Bissau**. Soronda revista de estudos guineenses nova serie nº7 dezembro 2003.

\_\_\_\_\_. **Ritos de poder e a recuperação da tradição**. Os régulos manjacos da Guiné-Bissau. (I.S.I.Sn) 1998.

CARDOSO, Leandro. **Sistema de Herança entre Papeis, Manjacos e Mancanhas**. Revistasoronda de estudos Guineenses nova serie n 6 julho 2003.

CA, Lourenço Ocuni. **A construção da Política do Currículo na Guine-Bissau e o Mundo Globalizado**. Cuiabá: CAPES, 2008.

DE GOUVEIA, Helena Ferro. **Panos de Pente. Domadora de Camaleões**. 2013. Disponível em: <https://camalees.wordpress.com/2013/02/22/pano-de-pente/> Acesso em 11 de abr. de 2016.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo horizonte: Mazza, 1995.  
\_\_\_\_\_. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FONSECA, Domingos. **Os Mancanha**. Bissau; ku Si Mon, 1997. Caderno lus Bin. Descritores; Etnicidade/ Guiné-Bissau.

LOPES, Nei. **Kitábu**, o livro do saber e do espírito negro-africanos. Rio de janeiro: Editora SENAC rio 2005.

MENDES, Paulina. **Entre os “Saberes locais” e o “Saber universal”**: A modernização das comunidades manjaco e a mandjição do Estado na Guiné-Bissau. (teste de doutoramento em pos-colonialímo e cidade global, apresentada à faculdade de economia da universidade de Coimbra ),setembro 2014.

SIMÕES, Landersent. **Babel Negra**. Etnografia, Arte e a Cultura dos Indígenas da Guiné. Porto: O Comércio do Porto, 1935.

SEMEDO, Maria Odete. **As mandjuandadi – Cantigas de Mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura.** Belo horizonte, 2010.

\_\_\_\_\_. **Guiné-Bissau: História, Culturas, Sociedade e Literatura.** Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

Panos revelam costumes da Guiné Bissau. 2013. Disponível em:<http://www.pucminas.br/pucinforma/materia1.php?codigo=1155>; Acesso em: 11 de Abril de 2016.

SEMEDO, Maria Odete. **Pano de pente no casamento.** 2006. Disponível em:<http://panodepentequineense.weebly.com/casamento-tradicional.html>; Acesso em: 11 de maio de 2016.

PINTO, Manuel. **Tradição da Guiné-Bissau.** 2013. Disponível em:<http://eportuguese.blogspot.com.br/2013/07/a-tradicao-na-hora-de-vestir-primeira.html>; Acesso em: 1 de abril de 2016.

## GLOSSÁRIO

**Abukndji/Abuokndji**– Meu filho

**Abuk und /Aboukound**– Nossofilho

**Aharndji/Ar ndji**– Minha mulher

**Aharund/Ar ound**– Nossa mulher

**Babukakatóh/kató**– Filhos de casa

**Babussin**– Família real

**Bakalokatoh/Baiotamkató**– Genros de casa

**Becthesal /Bekabutchuás**– (djongago) Aparelho utilizado no interrogatório na cerimónia do funeral e da cerimónia de honra ao morto a fim de apurar as razões da sua morte

**B´fa**- Bom dia

**B´takalom**- Boa tarde

**B´rom**- boa noite

**Benin**- casamento

**Bekuih/kabol** – Cerimónia/Ritual

**Blai**- linhagem

**Bwat /kawat- Abota**( a contribuição do grupo de colegasom )

**Ianck- (bambaram)**- porta bebé

**Katual/ udjingue**- ritual de casamento

**Kabol (cerimônia )**- Ritual de diferentes ocasiões

**Kamanh Na pene** – Bolsa de Djambakus

**Na nhiguitch**- tecelão ou ficial

**Nababo**- indivíduo de raça branca

**Namaka**- primeira esposa

**Namanha**(chefe de baraca)- individuo de encarregue de orientar cerimôniasou rituais no espírito(iram ou baloba)

**Namantch**(regulo)- chefes de tabanca

**Napene** (djambekus)- sacerdote

**Napatubabo**- emigrante

**Nassebatchi/ nassebahi**- Deus

**Petchap**– Forquilha (firquidja)

**Pelas pum-** ( toka-tchur) – Cerimônia de honrar um morto

**Piquin/ pquin-** residência de uma linhagem

**Pubawé** (bambaram) – desempenha mesmo papel com porta bebe

**Udá / Uran**-Colegasom

**Ubabo**- diáspora/ estrangeiro

**Ubéntche**(djemberem)- o lugar onde se estende alimentos pra secar

**Upam**- vestuário

**Utchai/Usai** (iran) – Espírito

**Utchós/utchuás**– Interrogatório realizado para apurar as causas da morte do defunto